

Ano 22 • Número 03 • 27 de janeiro de 2020

FMI melhora perspectiva para o Brasil, mas mundo desacelera mais

A dívida pública e os desafios fiscais em 2020

Mais um ano de perdas para o emprego industrial do RS

Indústria do RS exporta menos em dezembro e fecha 2019 em queda

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

FMI melhora perspectiva para o Brasil, mas mundo desacelera mais

Na última segunda-feira (20), o Fundo Monetário Internacional (FMI) divulgou suas projeções atualizadas do crescimento global e das principais economias para 2019, 2020 e 2021 com relação ao relatório publicado em outubro passado. O órgão revisou para baixo suas previsões globais para 2019 e 2020 em 0,1 p.p., para 2,9% e 3,3%, respectivamente, enquanto para 2021 a perspectiva é de crescimento de 3,4%, com redução de 0,2 p.p.. Uma queda mais forte das previsões para Índia é o principal fator das revisões para baixo.

Muito do crescimento previsto para a economia global é sustentado pelos países emergentes e em desenvolvimento, com expectativa de crescimento de 4,4% este ano e 4,6% para 2021, e de estimativa de 3,7% para 2019. Além do bom, porém desacelerado, desempenho chinês, essa expectativa é consequência do retorno de resultados positivos para um grupo de países em desenvolvimento que, até então, apresentava uma baixa performance, como o Brasil, Índia, México, Rússia e Turquia.

No caso do Brasil, as projeções de crescimento foram revisadas positivamente, com expectativa de 2,2% em 2020 e 2,3% em 2021, ante previsões de 2% e 2,2%, respectivamente, na análise de outubro. Para o ano que se passou, o FMI espera um crescimento de 1,2%. De acordo com o órgão, a melhora das previsões para o País é consequência do melhor ambiente econômico com a aprovação da Reforma da

Previdência e a recuperação do choque de oferta do setor de mineração, devido ao episódio de Brumadinho.

Os EUA e China, parceiros comerciais do Brasil e no holofote internacional devido à guerra comercial, entram na marcha em desaceleração. Os bons resultados dos EUA serão mais moderados nos próximos anos, de 2,3% em 2019 para 2,0% em 2020, com uma subsequente queda em 2021, para 1,7%. A China, por sua vez, apresentará um crescimento de 6,1% em 2019, de acordo com o FMI. As expectativas para 2020 e 2021, de 6% e 5,8%, respectivamente, não consideram o surto do coronavírus, que teve início na semana passada, e que certamente prejudicará a economia global e, principalmente, a chinesa.

O órgão ainda ressalta que os riscos de uma piora nos resultados permanecem proeminentes. As tensões geopolíticas, com destaque para EUA e Irã, podem afetar a oferta e preço do petróleo. Além disso, os movimentos sociais, mais intensos em países em desenvolvimento, podem romper a já fraca tendência de crescimento mundial, visto que este é quase inteiramente puxado pela atividade desse grupo.

É necessário que o acordo comercial entre EUA e China avance nas próximas fases, assim como é destacado o papel dos ajustes políticos nas economias em desenvolvimento para reconstruir a confiança e a promoção de uma trajetória de crescimento sustentável.

A dívida pública e os desafios fiscais em 2020

Os resultados fiscais de 2019 só estarão consolidados na próxima quarta-feira (29), porém é seguro afirmar que o desempenho das contas públicas deverá ser o melhor desde 2014. Apesar do tom positivo da mensagem, é essencial destacar que ainda há muito trabalho a se fazer, pois ainda convivemos com resultado primário negativo. Nos 12 meses encerrados em novembro, o *déficit* primário atingiu 1,2% do PIB, auxiliado pelas receitas extraordinárias oriundas do leilão da cessão onerosa do pré-sal.

Até novembro de 2019, a Dívida Bruta do Governo Geral (DBGG) estava em 77,7% do PIB, enquanto a Dívida Líquida do Setor Público (DLSP) atingiu 54,8% do PIB. Essas métricas são os principais indicadores da dívida pública e elas se diferem, principalmente, por duas características: ativos do setor público, descontados apenas no cálculo da DLSP, e as contas do Banco Central, descontadas na DBGG. A grande diferença em p.p. entre esses indicadores se dá devido às reservas internacionais, item de maior peso nos ativos do setor público e que atingiram a marca de 21,2% do PIB nesse período.

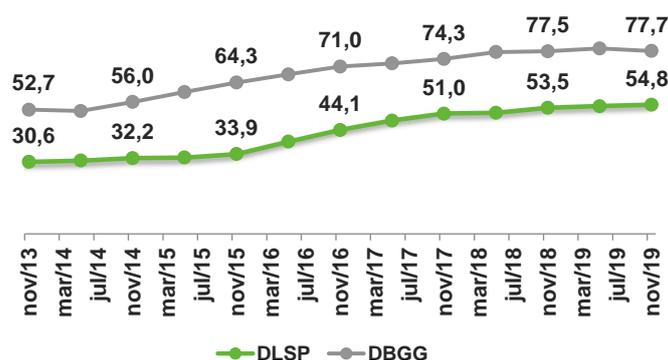
Embora a dívida pública tenha crescido desde 2013, observa-se que esse aumento está desacelerando. O gráfico ao lado deixa isso nítido: a inclinação das

linhas, a partir de 2016, perde força e passa a se aproximar de uma linha horizontal. Essa desaceleração é consequência direta da queda da Selic e da redução do *déficit* primário.

O desafio para 2020 é continuar a trajetória de queda do primário sem o auxílio de receitas não recorrentes, como os leilões do pré-sal, e sem reduzir ainda mais as despesas discricionárias, principalmente os investimentos, com o risco de comprometer o funcionamento da administração pública.

Dívida Pública – últimos seis anos

(Em % do PIB)



Fonte: BCB. Elaboração: UEE/FIERGS.

Mais um ano de perdas para o emprego industrial do RS

O Rio Grande do Sul fechou 18,7 mil postos formais de trabalho em dezembro de 2019, de acordo com os dados do CAGED divulgados na sexta (24/01) pelo Ministério da Economia. O resultado foi melhor que no mesmo mês do ano passado (-22,3 mil), considerando a série não ajustada com as declarações enviadas fora do prazo ao governo. Os três grandes setores da economia perderam vagas: Agropecuária (+4,8 mil), Indústria (-13,0 mil) e Serviços (-889). A perda de vagas na Indústria foi determinada pela Transformação (-10,8 mil), puxada pelos segmentos de Couro e calçados (-3,1 mil) e Alimentos (-889), e também pela Construção (-2,2 mil). Cabe lembrar que o mês de dezembro é marcado pelos desligamentos de trabalhadores temporários contratados em função das festas de final de ano, além da sazonalidade naturalmente observada nos setores de serviços, indústria e construção civil, portanto sempre muito negativo.

No acumulado de janeiro a dezembro de 2019, o Estado gerou 20,4 mil postos de trabalho, praticamente repetindo o resultado de 2018 (+20,5 mil). Em termos setoriais, o destaque ficou por conta do setor de Serviços com a geração de 26,0 mil empregos. A Agropecuária apresentou perda de 54 vagas. Na Indústria, o setor que mais perdeu empregos no ano passado, o saldo negativo foi de 5,5 mil postos. Nos últimos seis anos (2014-2019), somente em 2018 houve

geração de empregos na indústria (+1,5 mil). Dos quatro subsetores, apenas a Indústria Extrativa ficou no campo positivo em 2019, mas com somente 102 vagas abertas. Na Transformação (-1,5 mil), os destaques negativos vieram de Couro e calçados (-1,5 mil), Móveis (-654) e Tabaco (-488). Já os positivos de Outros equipamentos de transporte (+819), este quase que exclusivamente determinado pelo bom resultado do último trimestre (+686), Máquinas e equipamentos (+647) e Produtos de metal (+560). Por fim, cabe mencionar o desempenho ainda bastante negativo observado na Construção (-4,0 mil).

Geração de empregos formais – RS

(Saldo em número de vínculos)

	dez/19	Acumulado jan-dez 2019
Agropecuária	-4.791	-54
Indústria	-13.008	-5.502
Extrativa	-38	102
Transformação	-10.837	-1.547
SIUP*	61	-65
Construção	-2.194	-3.992
Serviços	-889	25.982
Total	-18.688	20.426

* Serviços Industriais de Utilidade Pública

Fonte: CAGED/Ministério da Economia.

Indústria do RS exporta menos em dezembro e fecha 2019 em queda

Em dezembro, as exportações da Indústria do Rio Grande do Sul totalizaram US\$ 968 milhões, caracterizando uma retração de 16,9% em relação ao mesmo mês do ano anterior. A análise por setores de atividades econômicas mostra que, dos vinte e três segmentos da indústria de transformação que exportaram em dezembro, dezoito registraram queda sob a base de comparação mensal. Destacamos os setores de Químicos (-30,8%), Tabaco (-46,1%) e Veículos automotores, reboques e carrocerias (-31,2%). A queda dos setores de Químicos é reflexo da retração em produtos químicos orgânicos (-28,2%), puxada pela menor demanda dos petroquímicos básicos, enquanto a queda nos embarques Tabaco ocorre devido à antecipação dos embarques realizados nos meses anteriores. O segmento de Veículos ainda sofre com a crise argentina, mas também responde à menor demanda chilena no mês.

Conforme os meses anteriores, o setor de Alimentos registrou alta de 31,3%, configurando o oitavo crescimento consecutivo sob a comparação mensal. Os grupos de Carne de frango in natura (+130%) e de Carne de suíno in natura (+112%), que são os de maior participação, mais do que dobraram, enquanto o grupo de Carne de boi in natura (+190%) quase triplicou. O

aumento do complexo carne ainda é consequência da maior demanda chinesa.

No ano de 2019, as exportações industriais acumularam US\$ 12,2 bilhões, fechando o ano com queda de 11,5% em relação a 2018. O resultado fraco é consequência da redução das vendas para parceiros comerciais relevantes, com destaque para China (-11,4%) e Argentina (-36,3%). Os setores que mais sofreram com essa redução foram os de Químicos (-9,2%) e Veículos automotores, reboques e carrocerias (-25,3%).

Pelo lado das importações, o Estado adquiriu US\$ 684 milhões, com retração de 25,1% ante dezembro do ano passado. Por sua vez, no acumulado do ano de 2019, o Rio Grande do Sul importou US\$ 9,9 bilhões, configurando uma queda de 12,2% em relação a 2018. Todas as Grandes Categorias Econômicas apresentaram retração em 2019 na comparação mensal, com exceção da categoria de Combustíveis e lubrificantes (+49,8%), por se tratar de um efeito sazonal. As variações das demais categorias foram: Bens intermediários (-49,2%), Bens de capital (-4,3%) e Bens de Consumo (-15,2%). Cabe destacar a queda de Bens Intermediários, puxada fortemente pela redução do consumo de Insumos industriais elaborados (-56,7%).